

## Os dicionários de Bluteau, Moraes e Vieira e sua importância na história da Lexicografia portuguesa

CLOTILDE DE ALMEIDA AZEVEDO MURAKAWA  
(Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara)

“Um aspecto que caracteriza de modo muito especial a lexicografia do Renascimento e a lexicografia moderna em geral, é a aceitação da possibilidade de permanente aperfeiçoamento e atualização dos dicionários. Este fato corresponde a uma diferente compreensão lingüística da componente lexical, que passa a ser entendida e tratada na elaboração lexicográfica como realidade essencialmente dinâmica e evolutiva”. Esta importante afirmação feita pelo Prof. Telmo Verdelho em seu livro *As Origens da Gramaticografia e da Lexicografia Latino-Portuguesas* (1995:227), evidencia o lugar que a lexicografia passou a ocupar na cultura portuguesa do Renascimento.

Se os dicionários na Idade Média eram tratados como um *corpus* definitivamente fixado, no Renascimento, ao contrário, são vistos como um compêndio evolutivo, em constante atualização gramatical.

Os dicionários produzidos neste período têm um valor essencialmente pedagógico e são resultantes da renovação escolar humanista. Eles passaram a ser vistos como um auxiliar na programação escolar, voltada para o ensino da língua latina. Surgem, assim, os dicionários por domínios de significação, os dicionários de palavras difíceis, os dicionários poéticos; foi a necessidade escolar que motivou o aparecimento de dicionários bilingües principalmente latim-português.

O primeiro lexicógrafo português foi Jerônimo Cardoso que publicou, na segunda metade do século XVI, uma obra bilingüe que estabelece o encontro da lingüísticografia latina com o estudo da língua portuguesa. É o *Dictionarium latino-lusitanicum e vice-versa lusitanico-latinum*, em 1570. Formando um único exemplar, os dois dicionários, como afirma o Prof. Verdelho (1995), empregados nas aulas de gramática, se constituíram em útil manual, contribuindo para a aprendizagem do léxico latino, principalmente no que se refere às equivalências vernaculares.

Depois de Jerônimo Cardoso são publicadas mais três obras bilíngües; duas no século XVII: *Dictionarium Lusitanico-Latinum*, de Agostinho Barbosa, em 1611 e *Thesouro de Língua Portuguesa*, de Bento Pereira, em 1645. E no século XVIII o *Vocabulário Portuguez Latino* do Pe. Raphael Bluteau, em 1712.

O Vocabulário de Bluteau, constituído de oito volumes impressos sucessivamente em diferentes oficinas e anos de 1712 a 1721, além de dar continuidade ao espírito humanista do Renascimento de que o dicionário é uma obra em constante evolução, foi o primeiro a fixar um *corpus lexical* autorizado para a língua portuguesa. Bluteau organiza um *corpus* de 406 obras, aproximadamente, de autores dos séculos XV a XVII. No prólogo de seu dicionário reitera o valor e a importância de tais autores: "As palavras não significam por sua natureza, mas por instituição dos homens; & cada Nação, assim barbara como polida, deu princípio, & sentido às palavras de que usa. Daqui nace, que não temos outra prova da propriedade das palavras, que o uso dellas, & deste uso não há evidência mais certa, & permanente, que a que nos fica nas obras dos Autores, ou manuscritos ou impressos" (Vol. I).

Bluteau, utilizando-se das obras de autores de sua época, dos quais alguns foram contemporâneos seus, refletiu a sociedade e o pensamento de seu tempo. Grande é o número de autores que escreveram obras de prédica, teologia ascética, meditação, cerimônias religiosas e vida de santos, evidenciando a supremacia da cultura religiosa na época. Referências constantes à Monarquia e à Igreja mostram a importância dessas categorias sociais.

O Vocabulário de Bluteau tem, na verdade, um caráter enciclopédico: suas definições são extensas e detalhadas, abrangendo não só a explicação de um termo e a relação de seus sinônimos, mas também pormenores descritivos e históricos, alguns, até certo ponto, curiosos. (cf. a unidade ANANÁS). Outras vezes, prolonga a definição por inúmeras colunas, como é o caso de ABELHA, com quatro colunas e meia. Este procedimento detalhista aparece com frequência na descrição da flora e da fauna.

Ao lado da palavra-entrada, grafada em maiúscula, acompanha, na maioria das vezes, a sua forma minúscula com a devida acentuação. Neste pormenor, Bluteau se mostra em sintonia com a língua portuguesa contemporânea, pois alguns dos acentos que utiliza, continuam a existir até hoje, como no caso de ÂNCORA, ANATÔMICO, ÂNIMO, etc.

As demais informações que compõem o verbete têm sempre a forma latina correspondente, confirmando o que já foi dito anteriormente sobre a importância dos manuais de léxico no estudo da língua em contraste com a portuguesa.

Um aspecto que merece ser destacado no vocabulário é que Bluteau faz sempre os seus exemplos virem acompanhados de autor, obra, tomo, livro, volume, página, mostrando o valor e a importância da fonte de referência. Esta é uma inovação de Bluteau que foi seguida pelos dicionaristas que o sucederam.

A terminologia científica se faz presente na obra de Bluteau e vem logo em seguida à entrada, identificando a área a que a palavra pertence.

Chama a atenção no vocabulário a opinião pessoal e o juízo de valor que Bluteau emite, algumas vezes nas suas definições (cf. ANGÉLICA e ADVINHAÇÃO).

A obra de Bluteau pode ser, portanto, caracterizada como um dicionário enciclopédico que reflete a época em que o autor viveu, época cujo imaginário está ligado a reis, monarcas, rainhas, princesas, batalhas, cavaleiros e igreja. Neste sentido, transmite com fidelidade a mentalidade de seu tempo. A análise de sua obra possui, assim, um interesse sócio-lingüístico.

Somente em 1789, foi publicada a 1ª edição do *Dicionário da Língua Portuguesa* de Antônio de Morais Silva, a primeira obra monolíngüe.

Entre o vocabulário de Bluteau e o Morais medeiam 77 anos, anos significativos para Portugal. As alterações ocorridas neste período, acreditamos que tenham modificado a língua portuguesa em vários aspectos. É a 1ª edição do Morais o mais importante dicionário do português contemporâneo.

Segundo Verdelho (1995:244), Morais é o mais memorável exemplo de honestidade na lexicografia portuguesa, pelo fato de não ter se considerado autor da 1ª edição de seu *Dicionário*. Somente na 2ª edição, de 1813, se considerou seu autor exclusivo.

Seu nome continua, ainda hoje, a autorizar os 12 volumes do *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* (1949/1959), organizado por José Pedro Machado.

As observações que faremos, daqui para frente sobre o *Dicionário* de Morais, são com base na 2ª edição de 1813, que confrontada com a primeira não sofreu alterações substanciais.

Morais não tem a intenção enciclopédica que aparece manifesta na estrutura do *Vocabulário* de Bluteau. Sua intenção é cientificista; por isso suas definições são objetivas e curtas, não se prendendo em descrições exaustivas. Sua preocupação é ser preciso na descrição da língua e esta dá à sua obra uma grande praticidade. A objetividade e o cientificismo substituem o enciclopedismo de Bluteau.

Constituída de dois volumes, a 2ª edição foi publicada pela Tipografia Lacerdina, em Lisboa.

Seguindo a inovação de Bluteau, Morais apresenta também um *corpus* lexical autorizado por autores dos séculos XV a XVIII, acrescentando, em muito, a relação de Bluteau. Cerca de 203 autores servem de fonte de referência.

O *Dicionário* de Morais, dentro da teoria lexicográfica moderna, pode ser classificado como um dicionário de língua, ou seja, aquele que registra o vocabulário usual mais freqüente na língua escrita e oral, destacando os diferentes registros e variações lingüísticas. A obra de Morais não se enquadra totalmente neste contexto. Todavia, se tomarmos os pontos básicos da lexicografia moderna para a elaboração de um dicionário de tal natureza, podemos ver o quanto Morais avançou em relação ao seu tempo. Sua obra foi daí para frente, o ponto de partida e o exemplo para quase todos os demais dicionários produzidos em língua portuguesa.

Na organização do verbete, Morais acrescenta ao lado da entrada a classe gramatical a que pertence a palavra; este tipo de informação não existe em Bluteau. Vem, a seguir, a definição, geralmente acompanhada de exemplos abonados: autor, obra, capítulo, tomo, página etc. A fidelidade às fontes de referência passa a ser uma constante nos dicionários, depois de Bluteau.

Os modelos de definição lexicográfica estabelecidos por Jean Dubois (1971) para a definição: pelo gênero próximo e a diferença específica, por descrição do objeto da maneira como é recortado pelo léxico da língua, por sinonímia, por oposição de sentido ou antonímia, ou por definição mostrativa através de exemplos, são amplamente empregados por Morais e com muita propriedade.

Ao lado do registro de uma norma lingüística baseada nos escritores portugueses, Morais percebeu a importância em registrar os diferentes níveis de linguagem especificando quando é vulgar, familiar, gírico, obscena, injuriosa, rústica, pastoril, provinciana.

O registro variado de termos científicos é um outro aspecto importante do *Dicionário*: medicina, farmácia, física, matemática, música, história natural, etc. Num levantamento feito ao longo dos dois volumes, pudemos relacionar aproximadamente 72 áreas de conhecimento que formam a terminologia científica no dicionário.

Morais registra também alguns poucos regionalismos procedentes do Minho (FARAOTA), de Leiria (OLHALVA), do Douro (AZURRACHA), da Beira (RAPOSEIRO), do Alentejo (ESCOXAR) e também empréstimos estrangeiros vindos do Brasil (CACHAÇA), da Ásia (GANTAS), da Ásia Portuguesa (POTECAR), da Índia (BENDARA), da China (MANEJOO) e da África (MANDINGA), identificando, desta forma, o percurso feito pelos portugueses durante os descobrimentos.

Uma das maiores inovações de Morais ocorre a nível de estruturação e estilo do dicionário. Percebe-se que os critérios de elaboração mudaram da época de Bluteau para a de Morais e que este, mesmo partindo, algumas vezes, de definições de Bluteau, as reestrutura: organiza uma forma mais clara e concisa e acresce de significados.

A terceira obra lexicográfica objeto de nosso estudo é o *Grande Dicionário Português ou Tesouro da Língua Portuguesa* de Frei Domingos Vieira, publicado de 1871 a 1874 pela Casa Chardron, no Porto.

Os editores Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Morais esclarecem no prefácio da obra que os manuscritos de Vieira lhes foram entregues pelo bispo do Porto, D. João da Fonseca.

Para a publicação do trabalho era necessário, no entanto, uma revisão completa e esta tarefa foi dada ao filólogo e ensaísta português Francisco Adolfo Coelho.

Constituído de cinco volumes o *Tesouro* de Vieira, como foi denominado, pode ser considerado um monumento da lexicografia portuguesa pelo volume de informações nele contido. A designação *Thesaurus* é bastante adequada, porque este tipo de obra lexicográfica se caracteriza pela copiosa informação lingüística resultante das várias realizações textuais da unidade léxica e pelo rigor das citações.

Assim como seus antecessores, Bluteau e Morais, o dicionário de Vieira apresenta um *corpus* lexical autorizado que ao longo de seus cinco volumes pudemos identificar; são citados autores a partir do século XV até metade do século XIX. A relação completa desses autores e obras não aparece no primeiro volume como aconteceu com os outros.

O primeiro volume está acrescido de dois trabalhos: um *Sobre a Língua Portuguesa*, de Adolfo Coelho e outro *Sobre a Literatura Portuguesa*, de Teófilo Braga, abrangendo período desde as origens da literatura até o classicismo

português. Completa este conjunto de trabalhos uma *Crestomatia Histórica* que reúne documentos em latim bárbaro a partir do século IX, documentos que "encerram um grande número de formas puramente portuguesas e a sua sintaxe, sobretudo revela-nos com toda clareza a sintaxe portuguesa dessa época" (Vol. I).

A organização dos verbetes é feita de maneira sistemática. Ao lado da palavra-entrada, grafada em maiúscula e em negrito, vem a classe gramatical a que a palavra pertence, fornecendo, neste aspecto, a maior informação possível; se substantivo, acompanha o gênero, se adjetivo registra, no caso, o duplo gênero; se verbo, se é ativo, reflexo, neutro, transitivo ou recíproco. Em seguida, vem a etimologia; acompanha, no caso de palavras derivadas, o tipo de processo de formação que ocorre.

O Vieira registra o máximo de informação possível contextualizando a unidade lexical. Com muita exatidão, ao lado do exemplo vem a abonação completa: autor, título da obra em negrito, livro, tomo, capítulo e página.

As definições de palavras da linguagem científica são definições exclusivamente científicas. Isto já torna o dicionário bem diferente dos anteriores.

Tal fato é justificado, porque a ciência somente floresceu em Portugal no fim do século XVIII. No século XVII, houve apenas algumas tentativas de sistematização científica e em especial no campo da medicina, matemática, navegação, arquitetura e arte militar.

Os organizadores do Vieira no intuito de tornar a obra a mais completa possível, registram no final do verbete os sinônimos e antônimos da unidade de entrada; e mais, adágios e provérbios da língua portuguesa onde a palavra se encontra, tornando muitas vezes, agradável a leitura do verbete.

O *Thesouro* de Vieira, embora produzido 150 anos após o Bluteau, resvala, algumas vezes, em um certo enciclopedismo; acreditamos, neste caso, que isto se deva ao fato de os organizadores pretenderam fornecer o máximo de informação ao leitor, não se preocupando apenas com as informações lingüísticas. Como eles mesmos informam na Advertência no primeiro volume, pretendiam formar um *dicionário a altura da lexicografia moderna*.

Finalizando, podemos afirmar que os três dicionários objeto deste trabalho constituem um marco fundamental para a lexicografia em língua portuguesa. Produzidos em épocas diferentes e com características diferentes, estas obras são representativas de uma época e refletem a sociedade de seu tempo. A análise delas possui um grande interesse sócio-lingüístico.

Para concluir, parafraseando Menéndez Pidal em seu livro *Estudios de Lingüística* (1961:147), podemos comparar o dicionário a uma fotografia instantânea; registrando as explicações do passado e a descrição do presente, dá a orientação para as inovações lexicográficas futuras.

BIBLIOGRAFIA

DUBOIS, J. e C. *Introduction à la Lexicographie: le Dictionnaire*. Paris: Larrousse, 1971.

MENÉNDEZ PIDAL, R. *Estudios de Lingüística*. Madrid: Espasa Calpe, 1961.

VERDELHO, T. *Origens da Gramaticografia e da Lexicografia Latino-Portuguesas*, Aveiro: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1995.

Anexo

Exemplos de verbetes

Bluteau

Morais

Vieira

ANANAS, Ananás. Fruto do Brasil. He de feição de huma pinha de Portugal; o gosto, & o cheiro a modo de maracorrão o mais fino, suas folhas são semelhantes às penas das da erva babosa. A cabeça da fruta ornou a natureza cõ hum penacho, ou grinalda de cores aprazíveis; esta separada, & entregue à terra he principio de outro. Ananás semelhante, alem de que dentro no mesmo fruto nace, semente delle em quantidade.

ANANAZ, s.m. Fruto Brasileiro, a modo de pinha; tem sumo mui saboroso.

ANANÁS, s.m. Em Botanica, nome vulgar da *bromelia ananas*, planta da India e da America Meridional que produz o fructo delicioso e refrigerante, conhecido com o mesmo nome.

ABELHA. Insecto volante, & especie de mosca grande, armada de hum ferrão, industriosa artifice do mel, & da cera. Ha muitas castas de abelhas, humas a que Aldrovando chama *Amphibias* que andão pella agoa, & tem o ferrão na boca; Jonstono lhes chama de *abelhas bravas*.

ABELHA, s.f. Insecto, que recolhe o mel das flores. N. prop. de uma Constellação meridional. Planta (*Ophrys-myodes*)

ABELHA, s.f. Insecto da familia dos hymenoptéros, pertencente à tribu das mellíferas, da segunda familia, que tem o nome de *anthophiles*, e produzem cêra e mel.

ANGELICA, Angélica. Planta medicinal, assim chamada pellas notaveis virtudes que tem (...)

ANGELICA, s.f. Planta que dá flores; e a que as dá brancas, simples e dobradas, mui cheirosas (*polyanthes tuberosa*), ou especie (*Angelica Archangelica*) de flores verdoengas, ou pallidas, de cheiro almisca-rado. Uma arvore da America.

ANGELICA, s.f. Em Botanica, planta aromosa e polposa da familia das umbellíferas; todas as suas partes são recomendadas como estomachaes, diaphoréticas, emanagogas; é conhecida com o nome botanico, dado por Linneo, de *angellica*, *archangelica*, classificada entre as petandrias digynias.

**ADEVINHACAM.** Adivinhação. *Divinatio, onis, Cic. Rerum futurarum scientia(...)* Da supersticiosa, & falsa arte de adivinhar se achão nos authores muitas outras especies, que passo, em silencio, por serem materia indigna da curiosidade de um Christão. Mas porque pode succeder, que seja necessario a hum prègador, ou a hum orador fallar nellas, para as confutar, & detestar, tenho apontado as que me parecem mais conhecidas, & segundo o leitor a ordem Alfabetica deste livro, achará os termos destes modos de querer adivinhar, declarados em huma só palavra propria, para evitar circumloçoens.

**BEIJAR,** Applicar a boca a alguma cousa, em sinal de amizade, amor, respeito ou veneração, como quando por devoção se beija a Cruz, ou qualquer reliquia. Beijar alguém. *Aliquem osculare, Cic.*

**GAFANHOTO,** Gafanhôto. Insecto volátil, & saltante, destruidor dos câpos, & assolador das searas. Tem seis pernas compridas, & azas que varião na côr, porque há gafanhotos com azas vermelhas, ou purpureas; & outros tem azas declinantes a azul, ou verde.

**ADIVINHAÇÃO,** s.f. O acto de adivinhar; e fig. de conjecturar. Coisa obscura, enigmatica, que se propõe a alguém para a decifrar, ou adivinhar. *Godinho, Relaç. 12.67.*

**BEIJÁR,** v.at. Tocar com os beiços em alguma pessoa, em qualquer coisa, por mostra de amor, veneração, religião, humildade. fig. Dizemos que o mar beija a praia, chega a ella; poet.

**GAFANHOTO,** s.m. Insecto vulgar, que tem azas, e dois pés longos, com que dá grandes saltos; anda nas searas.

**ADIVINHAÇÃO,** s.f. Arte de conhecer e predizer o futuro, cujos processos são variadissimos. taes como a observação dos astros, *apotelesmatica*, ou *astrologia judiciaria*, ou *augurium*, em que a adivinhação se fazia pelo vôo das aves, pelos seus gestos e outros signaes.

**BEIJAR,** v.a. (do latim basiare). Oscular, applicar a bôca avançando os lábios, sobre o rosto ou qualquer outra parte do corpo de alguém em signal de amizade, de respeito, de reconciliação, etc. Figuradamente, tocar de leve, acariciar, amimar. Tomar a benção.

**GAFANHOTO,** s.m. Insecto vulgar, com azas, e dois pés longos, com que dá grandes saltos; vive nas sementeiras. Ha varias especies d'estes animalejos.



**GALLADURA.** Galladúra do Ovo. *Ovi umbilicus, i. Masc. ou gutta emines in ovi putamine. Plin. Vid.* Gallado Dar uma galladura, he tomar o Gallo à Gallinha. *Vid.* Tomar. *Vid.* Gallar.

**GALADÚRA, S.F.** O ponto, ou parte branca, como clara de ovo, que esta atacada à gemma, e é o esperma do galo, que fecunda os ovos; á luz parece uma corôa de materia mais transparente.

**GALLADURA, s.f.** Ponto alvo, que se vê adherente á gomma (sic) do ôvo fecundado pelo gallo.

**NAUFRAGAR.** Fazer naufragio. Padecer naufragio. Perder-se no mar. *Naufragium face-re. Cic. Navem frangere. Teret. Naufragium pati. Seneca.* Naufragar no porto. *Navem in portu frangere, ou mergere, ou evertere.* O primeiro modo de fallar he de Propercio, o segundo de hum certo Fabiano, em Seneca; o terceiro he de Cicero. Naufragar, Metaphoricamente. Não ter bom successo. Perder os bens, a fortuna, o valimento. *In suis susceptis infelicem exituum habere.* Naufragar a fazenda, & o credito. *Res, & fides perit. Plaut.* (As pertenções dos Principes naufragão, & se perdem nas ondas das Cortes, & nos bancos, que atravessão). (Epanaphor de D. Frac, Man, 317) (Fez naufragar em grandes Varões, virtudes grandes. Ribeiro, Vida da Princ. Theodora, pag.2).

**NAUFRAGÁR, v.n.** Fazer naufragio. fig. Arruinar-se, perder-se; v.g. naufragou a fazenda, e o credito. Macedo "as pertenções dos Principes naufragão" *Epanaph. f. 317.*

**NAUFRAGAR, v.n.** (Do latim *naufragare*). Fazer naufragio. Despedaçar-se a embarcação nos baixios ou bancos, penhascos, etc. Figuradamente: Perder, perder-se, arruinar-se, "O pecado de hum Christão he mais grave; porque levando diante a luz da Fé, ainda tropeça; e recolhido dentro da arca, ainda naufraga; e conhecendo a Christo, o crucifica como os Judeos, que o não conhecerão". Pe. Manuel Bernardes, *Exercícios Espirituaes*, part.I, pag. 214.

**Obs.** Nos exemplos de verbetes acima, mantivemos a ortografia de cada dicionário, assim como as palavras em negrito e itálico, e a acentuação.